

Revista Portuguesa de Filosofia

Manuel Barbosa da Costa Freitas, OFM (1928-2010)

Author(s): José Maria S. Rosa

Source: *Revista Portuguesa de Filosofia*, T. 65, O Dom, a Verdade, e a Morte: Abordagens e Perspectivas / The Gift, Truth, and Death: Approaches and Perspectives (2009), pp. 1377-1380

Published by: [Revista Portuguesa de Filosofia](#)

Stable URL: <http://www.jstor.org/stable/41220939>

Accessed: 11-12-2015 20:53 UTC

Your use of the JSTOR archive indicates your acceptance of the Terms & Conditions of Use, available at <http://www.jstor.org/page/info/about/policies/terms.jsp>

JSTOR is a not-for-profit service that helps scholars, researchers, and students discover, use, and build upon a wide range of content in a trusted digital archive. We use information technology and tools to increase productivity and facilitate new forms of scholarship. For more information about JSTOR, please contact support@jstor.org.



Revista Portuguesa de Filosofia is collaborating with JSTOR to digitize, preserve and extend access to *Revista Portuguesa de Filosofia*.

<http://www.jstor.org>

NECROLÓGIO

MANUEL BARBOSA DA COSTA FREITAS, OFM (1928-2010) *

Manuel Barbosa da COSTA FREITAS, Sacerdote Franciscano e Professor da Universidade Católica Portuguesa, faleceu no Convento da Luz, em Lisboa, no dia 2 de Janeiro de 2010. Natural de Barroselas (Viana do Castelo), a sua foi uma vida desde muito cedo profundamente marcada pelo ideal franciscano, nomeadamente com seus traços de amor à pobreza e à verdade, bem assim como por uma profunda atenção à dimensão encarnada da existência.

Feita a instrução primária, em Barroselas, entre 1935 e 1939, entrou, em Outubro de 1939, no Colégio Franciscano de Montariol, em Braga, onde frequentou os cinco primeiros anos de estudos secundários. Em 1944-45, fez o seu Noviciado no Convento de Varatojo, em Torres Vedras. Daí regressou a Montariol, onde cursou Filosofia durante o biénio de 1945-47. Em Setembro de 1947, seguiu para o Seminário da Luz, Lisboa, e, terminado o Curso de Teologia, foi ordenado Sacerdote a 22 de Julho de 1951. Em Setembro deste mesmo ano, partiu para Roma para frequentar o Curso Superior de Filosofia no *Pontifício Ateneu Antoniano*. Concluiu aí o Curso de Filosofia, Ciclo de Doutoramento, em Julho de 1954, com defesa pública da dissertação sobre Leonardo Coimbra: *Momentum activitatis subjecti in cognitione iuxta Leonardi Coimbra doctrinam*. Com a publicação de uma parte da dissertação, em Outubro de 1957, obteve o grau de *Doutor* em Filosofia pelo mesmo *Pontifício Ateneu Antoniano*. Posteriormente, estagiou nos Centros de Investigação e de Edições Críticas de História de Filosofia Medieval de Münster (1963), de Quarachi-Florença (1964) e do Instituto Grabmann de Munique (1974-75), onde se dedicou ao estudo das correntes do pensamento filosófico dos séculos XIII e XIV sob a orientação dos Professores Pacificus Borgmann, Philotheus

* Surpreendidos, e entristecidos, com a partida para a *Casa do Pai* do Professor Manuel Barbosa da Costa Freitas, e apesar de termos de o fazer já quando o presente volume está em avançado estado de finalização, é com muito gosto que publicamos neste volume da *Revista Portuguesa de Filosofia*, o último da nossa responsabilidade, este texto da autoria de um dos seus alunos e, depois, assistente na *Universidade Católica Portuguesa*, José S. Rosa, agora da *Universidade da Beira Interior*, a quem agradecemos a extraordinária gentileza de num momento de profunda e autêntica saudade pela perda de um grande amigo, disponibilizar, na urgência inadiável de pouquíssimas horas, o texto que, embora ligeiramente adaptado, aqui se publica. Na raiz do presente texto está, segundo o autor, um verbete escrito em 1999 para *Enciclopédia* que não chegou a ver a luz do dia. Com a presente publicação, o editor do presente volume da RPF presta igualmente a sua mais sentida homenagem ao Professor Manuel da Costa Freitas, recordando-o pela nobreza do seu carácter, pela elevação do seu espírito e, não menos, pelo seu magnífico exemplo de homem que servia a Igreja porque amava a Verdade e que buscava a verdade com a força do seu intelecto de homem íntegro e bom simplesmente porque, como todos os que com ele conviviam bem sabiam, o seu era o coração de um verdadeiro servidor da *ekklesia tou theou*.

Boehner, C. Nölkensmeier, I. Brady e W. Dettlof. De 1954 a 1968 leccionou no Instituto Superior de Estudos Eclesiásticos da Ordem Franciscana, em Leiria; em 1968-69 leccionou no Instituto Superior de Estudos Teológicos, em Lisboa. Em 1969, entrou para a Faculdade de Teologia da Universidade Católica Portuguesa como docente de Filosofia. Em 1977, após concurso documental, foi promovido à categoria de *Professor Extraordinário*. Em Novembro de 1984, depois de aprovado no concurso documental, foi promovido à categoria de *Professor Ordinário* (catedrático) de Filosofia da mesma Universidade, onde leccionou ininterruptamente até à sua Jubilação, em 2004 (foi também Professor Convidado da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e da Universidade Nova de Lisboa). Foi nos bancos da Universidade Católica, em Lisboa, que conhecemos o Professor Costa Freitas, primeiro como aluno em Filosofia Medieval, e depois como seu Assistente, durante dez anos, de 1992 até 2002. Conviver e trabalhar diariamente com o P.^o Freitas foi sempre uma festa, em especial uma *festa da inteligência* e, com ela, do *esprit de finesse*. Pudemos acompanhá-lo nos últimos dias da sua vida, e até ao último suspiro permaneceu intacta a sua devoção à *Philosophia*.

Os temas de reflexão filosófica de Manuel Barbosa da Costa Freitas, ao longo de mais de meio século, são variados, mas podem encontrar-se alguns núcleos estruturantes e aglutinadores da sua actividade intelectual, ainda que sempre interligados entre si e em estreita relação com a sua diversificada actividade docente: o pensamento português, o pensamento medieval, o espiritualismo francês e a fenomenologia e filosofia da religião.

Mas antes de apresentar esses pontos de gravidade, começemos pelo seu princípio hermenêutico fundamental, decantado dos seus mais de quarenta anos de docência, não só, mas sobretudo, na Universidade Católica Portuguesa, em Lisboa, princípio esse que, por todos os meios, procurou praticar e transmitir aos seus alunos: antes de criticar ou aderir a qualquer autor ou doutrina ou texto, importa compreender por dentro o pensamento em causa. A liberdade de interpretação é um ponto de chegada, não o ponto de partida. A crítica apressada ou a adesão precipitada são o pior escolho da actividade intelectual que, na sua denúncia, não raro descamba para a pendorência atrevida daquele que ignora que não sabe. Contra esta “calamidade”, assistimos muitas vezes, como alunos, ao puro exercício socrático da mais fina ironia que, deliberada ou espontânea, produzia por vezes um verdadeiro despertar da dormência, e que, se incompreendida por alguns, em outros exercia indistigável atracção. Sem recusar a magistralidade, cultivava o diálogo e a pergunta inteligente como as mais excelentes formas de relação pedagógica. Espírito dialéctico na análise e sintético na conclusão, reconduzia com rigor lógico a série de argumentos até à sua expressão mais simples. A simplicidade, com efeito, qual colheita da tarde, desconcerta quem procura razões obscuras, enoveladas, “profundíssimas”. Por isso, Manuel Barbosa da Costa Freitas *sobrava* sempre por cima da profunda erudição que nos manifestava.

Quanto ao primeiro núcleo da sua reflexão, o pensamento português, de entre o estudo de várias figuras (Santo António, Teixeira de Pascoaes, Guerra Junqueiro, José Marinho, Miguel Torga) ressalta a reflexão sobre a vida e a obra de Leonardo Coimbra, sendo a primeira pessoa em Portugal a estudar sistematicamente o pensador da Lixa e figura central do pensamento filosófico português do séc. xx. A sua tese de doutoramento, defendida no Pontifício Ateneu Antoniano de Roma, em 1954, versou justamente sobre *A importância da actividade do sujeito no conhecimento, segundo a dou-*

trina de Leonardo Coimbra. Trabalho pioneiro, abriu caminho a muitos outros estudos, quer seus quer de outros, que depois se seguiriam. Na obra de Leonardo Coimbra, os temas que mais atraíram a sua atenção e o seu interesse foram, para além do conhecimento (de si, da natureza e de Deus), a ontologia criacionista, a crítica ao positivismo e ao kantismo, o franciscanismo, a saudade, a graça, e onde figuras como o *Cego do Maio* foram o manancial de reiteradas meditações filosóficas.

O segundo núcleo, como se disse, foi o pensamento medieval, em todo o seu conjunto – mas a ordem não é simplesmente cronológica, pois se Leonardo Coimbra o atraía desde jovem, o mesmo é verdade relativamente a Santo Agostinho: Manuel Barbosa da Costa Freitas pensava como quem bebia água de uma fonte – *sed fons vincit sitientem / mas a fonte vence o sequioso* (Agostinho, *Sermo* 159, 9) – e, por isso, menos interessado no sistema que no acontecimento, os temas sobre que se debruçou cruzam-se e recruzam-se ao ritmo da vida e da interrogação, qual sístole e diástole do seu *inquietum cor*. No pensamento medievo interessaram-no e ocuparam-no particularmente o pensamento de Santo Agostinho, de Boécio, de Santo Anselmo, de Santo António, de São Boaventura, de Duns Escoto. Manifestava neste domínio todo o rigor e subtileza da sua reflexão ao comentar, por exemplo, o *De Consolatione philosophiae* e as definições de Boécio, o *De Veritate*, de Santo Anselmo, uma *quaestio* de São Tomás, os textos de Duns Escoto respeitantes à noção de pessoa (*intellectualis naturae incommunicabilis existentia*) ou à possibilidade do conhecimento de Deus pela razão, ou ainda as *Confissões* de Santo Agostinho. Com efeito, a antropologia cristã do *homo imago Dei*, a articulação entre a fé e a razão, a possibilidade do conhecimento e da experiência de Deus, a psicologia do desejo de felicidade e da conversão, as questões ontológicas, como o Ser e os seres, o estatuto ôntico das criaturas (“*A criação surge como gesto do amor transcendente de Deus, como o Infinito a encher o Nada com a esmola do ser*”, afirma com Leonardo Coimbra e tão próximo dos autores medievais!), a natureza como livro escrito para gáudio da inteligência, foram outros tantos temas transversais ao pensamento medieval, que constituíram também a *prima materia* da sua reflexão.

O terceiro pólo que atraiu o seu pensamento e reflexão, de maneira genérica e à falta de melhor termo, foi o chamado *espiritualismo francês*. À cabeça deste movimento vem um dos seus pensadores de eleição, Maurice Blondel e a temática da *acção*. Mas imediatamente conexos com a *acção* outras questões de antropologia filosófica se impuseram: a vontade, a liberdade, a ética, os valores, a existência encarnada, o sofrimento, a dimensão religiosa, a morte e o seu sentido. De Henri Bergson, outro dos autores que muito frequentou (e sempre atento às últimas novidades bibliográficas) uma das ideias mais caras que acarinha é a noção de ser como dinamismo e perfectibilidade. Percorre estes temas muito perto também de autores como Charles Peguy, Gabriel Marcel, Maurice Pradines, Louis Lavelle, Vladimir Jankélévitch, Gabriel Madinier, Jean Guittou, Claude Bruaire, Joseph de Finance, André Leonard, entre muitos outros. Se o homem pode de facto ser chamado criador, isso acontece sobremaneira no domínio ético e moral. Neste sentido, se todas as dimensões da *acção humana* são uma manifestação *in fieri* de autotranscendência relacional, uma fenomenologia da consciência na sua intencionalidade última parece clamar por *Outra* transcendência. E é precisamente através dos temas relacionados com a *acção*, a sua interpretação e o seu sentido, à luz de uma antropologia de raízes bíblicas, que Manuel

da Costa Freitas se encontra igualmente com autores como Martin Buber, Emmanuel Levinas, Paul Ricoeur – demonstrando com textos que, para este último autor, nomeadamente, não há distinção ‘real’, mas apenas instrumental, entre *ética* e *moral* – e, mais recentemente, contacta pessoalmente com filósofos como Michel Henry que, vindos da fenomenologia husserliana, ultrapassaram progressivamente os seus limites e, cruzando as noções de *manifestação*, *revelação* e *doação*, invertem a fenomenologia clássica, encontrando-se assim com os temas maiores da tradição filosófica antiga e medieval, mormente as filosofias inspirados no *Prólogo* de João: *No princípio era o Verbo* e o *Verbo era a luz verdadeira que, vindo a este mundo, ilumina todo o homem*.

Um quarto núcleo aglutinador do seu pensamento e da sua docência, desenvolvido sobretudo nos últimos anos da sua actividade, ligou-se sobretudo à fenomenologia e filosofia da religião. É verdade que a fenomenologia do sentimento religioso, de modo particular o fenómeno da *conversão* em autores como Santo Agostinho, São Francisco, Pascal, Leonardo Coimbra, ou Paul Claudel, sempre o interessou muito particularmente. Mas a fenomenologia da religião trouxe-o também até temas e autores mais próximos de nós, como Rudolf Otto, Georges Dumézil, Mircea Eliade, Julien Ries (que conheceu pessoalmente), entre outros. O tempo, esse escultor de exigências filosóficas, e o seu múnus pastoral como sacerdote (“a pastoral da inteligência”), levaram-no igualmente a tomar a sério as críticas e as razões da Modernidade contra a religião: de Kant, em *A Religião nos limites da simples razão*; do jovem Hegel, em *O espírito do cristianismo e o seu destino* e *A positividade da religião cristã*; de Feuerbach, em *A essência do cristianismo*; de Marx, nos *Manuscritos económico-filosóficos* e em *A sagrada família*; e, acima de todos eles, as críticas de F. Nietzsche, v.g., em *A genealogia da moral*. Durante anos a fio, da sua boca ouvimos estes e outros textos explicados linha a linha, palavra a palavra, aos seus alunos, esclarecendo com argúcia as passagens mais obscuras e jamais recusando o desafio de levar ao extremo as razões internas destes autores, expondo-as e criticando-as a partir de dentro. E não raro, para espanto de uns e gáudio de outros, depois de ter exposto magistralmente como F. Nietzsche, até certo ponto, era um aliado da experiência cristã genuína contra os “alapados e vendilhões”, terminava as suas aulas de Filosofia de Religião, entre o sério e o provocador fazendo esta espécie de invocação: *São Nietzsche, ora pro nobis!* A nós, seus alunos, muito dava e ainda dá que pensar uma ‘invocação’ assim.

Em 2004, graças ao esforço e cuidado do *Centro de Literatura e Cultura Portuguesa e Brasileira* (actual *Centro de Estudos de Filosofia da Universidade Católica Portuguesa*), grande parte dos textos do Professor Manuel Barbosa da Costa Freitas antes dispersos por várias Revistas, entre as quais a *Revista Portuguesa de Filosofia*, Dicionários e Enciclopédias, entre as quais a *Enciclopédia Logos*, foram coligidos e editados em dois volumes e publicados pela Editorial Verbo de Lisboa com o título *O Ser e os Seres: Itinerários Filosóficos*. Agora que o Padre Manuel Barbosa da Costa Freitas teve o seu *vere Dies Natalis*, esta obra poderá ajudar a muitos a conhecer e a aprofundar o pensamento filosófico deste Sacerdote Franciscano que com o seu diligente e sério *apostolado intelectual*, nomeadamente como professor da Universidade Católica Portuguesa, tanto honrou não só a sua terra natal e a sua congregação religiosa, mas também, e sobretudo, a Igreja e a Cultura em Portugal. [José Maria S. ROSA*]

* *Universidade da Beira Interior* (Covilhã, Portugal).